

XVII Congresso Brasileiro de Sociologia
20 a 23 de Julho de 2015, Porto Alegre (RS)

Grupo de Trabalho: GT 02 - Cidades

Título do Trabalho:

Quando a rua é um lugar de encontro de afetos

Nome completo e instituição da autora:

Camila Holanda Marinho / Universidade Federal do Ceará / UFC

Perambulando pelas ruas e pelos afetos de rua.

Esse trabalho é cercado por afetividades: interlocutores, aproximações, tempos, experiências. As linhas seguintes expressam um afeto que tomou conta de minha trajetória de pesquisa nos últimos anos. Tudo começou sem que eu tivesse percebido, estruturando ritos iniciatórios de uma significativa experiência de pesquisa. Estava simplesmente escutando histórias de amor sentada em um banco de uma praça em Fortaleza. Paulatinamente, fui percebendo que essas histórias revelavam um interessante universo sobre os modos de vida juvenis. Não acredito em ciência que não seja capaz de derrubar os muros institucionais e instituir novas formas de olhar, agir e sentir, entrelaçando esferas da vida pessoal com esferas da vida social, como afirma Wright Mills (2009) na primeira lição do artesanato intelectual. Para Mills (2009), o artesanato está no centro da prática do pesquisador, é algo vivido cotidianamente e registrado em diários que compõem um arquivo pessoal de anotações que podem acontecer sem que seja uma demanda de pesquisa, mas sim por ser algo experienciado. Na tessitura desse artesanato, a experiência se destaca, como afirma o autor:

Dizer que você pode “ter experiência” significa, por exemplo, que seu passado influencia e afeta seu presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura. Como cientista social, é preciso controlar essa ação recíproca bastante complexa, apreender o que experiência e classificá-lo; somente dessa maneira pode esperar usá-lo para guiar e testar sua reflexão, e nesse processo, moldar a si mesmo como um artesão intelectual (MILLS, 2009, p. 22).

Portanto, fui afetada, tomada, acometida pelas histórias de amor dos jovens com experiência de moradia de rua que conheci através de uma experiência institucional vivida no âmbito de políticas públicas para a infância e juventude, sendo fundamental para a elaboração do projeto de pesquisa que originou essa tese de doutorado. A condição juvenil sempre foi um tema que se destacou em minhas inquietações e reflexões nas ciências sociais, que com o tempo fez com que eu pudesse vivenciar outras atuações profissionais, não só em pesquisa, como também na gestão pública e na participação em movimentos sociais. Essas preocupações analíticas surgiram devido à minha inserção em um lugar demasiado afetivo para mim: o Laboratório de Estudos da Violência da UFC. Foi lá que vivi as minhas primeiras experiências com

pesquisas iniciadas através de uma atividade que, na época, eu considerava cansativa e pouco prazerosa: a organização de um acervo hemerográfico.

Em virtude dessa sensibilidade e experiência temática, em 2005 recebi um convite para gerenciar os programas sociais de um órgão da Prefeitura de Fortaleza responsável pelas políticas para a infância e adolescência. Dentre os programas, havia um, em especial, que me chamou logo a atenção: a “Equipe de Rua”, portanto, o grupo formado pelos educadores sociais que realizam a abordagem de rua na cidade. Logo tive uma simpatia especial por esse grupo e percebi como era desafiador o cotidiano de trabalho de pessoas que estavam envolvidas com questões relacionadas aos jovens que viviam nas ruas.

Posso dizer que esse programa logo se tornou, para mim, a “menina dos olhos”. Integrei, juntamente com uma equipe formada por outros profissionais da instituição, um grupo de trabalho que teve como objetivo criar novas diretrizes de atendimento às crianças e jovens moradores de rua, subsidiados pela promoção dos direitos humanos, da arte-educação e da redução de danos no trabalho de abordagem de rua. Utilizamos a “observação participante” como uma orientação nesse trabalho de campo. Como nas ciências sociais sempre privilegiei, em minha trajetória de pesquisa, o uso dessa metodologia, não fiz diferente na gestão pública. Portanto, organizava parte do meu tempo de trabalho para estar com os jovens e as crianças atendidas, ouvindo e anotando suas histórias, quando eles estavam nas ruas ou nas instituições de atendimentos vinculadas ao meu gerenciamento na época. Isso me rendeu laços afetivos bastante intensos com jovens que conheci no ano de 2005 e com quem até hoje mantenho contato.

Afetada pelos modos de vida juvenil nas ruas, deparei-me, certa vez, com uma narrativa muito reveladora sobre o onirismo (e o realismo) que circunda o cotidiano desse grupo de jovens através do filme “As ruas de Casablanca”, de Nabil Ayouch (2000). O autor fez uma “etnografia fílmica”, ao construir uma obra de ficção sobre a vida de meninos moradores de rua no Marrocos, convidando eles próprios para protagonizarem suas próprias histórias de vida. A narrativa se constitui como uma fábula da vida cotidiana, que encena e cartografa diversos sentimentos que a vida na rua desperta,

portanto, a solidariedade, o amor, a rixa, a alegria, a dor, mobilizando no autor o desejo de construir um filme que afetasse as pessoas:

As Ruas de Casablanca não é somente um manifesto em favor das crianças de rua - é acima de tudo um conto de fadas. Um conto de fadas urbano unindo os destinos de três crianças que querem enterrar seu melhor amigo. Essas crianças poderiam morar em qualquer país. Poderiam ser nossos filhos. Mas são meninos de rua... e moram muito perto, em Marrocos (Nabil Ayouch, contracapa do referido DVD).

Um dos destaques do filme é a ressalva ao mundo onírico, característica essa muito presente nas narrativas dos jovens moradores de rua¹. A leitura de seus discursos são leituras de “interpretações das interpretações” que eles elaboram sobre suas trajetórias de vida, e, dessa forma, o real e o imaginário se confundem, se entrelaçam, se fundem com muita frequência. Essas construções narrativas colocam os pesquisadores em confronto com desafios, inseguranças e incertezas, ao mesmo tempo em que propiciam disposições inventivas para a elaboração de métodos que possibilitem sua “entrada” no mundo da rua, em busca das interpretações e construções simbólicas, portanto, de “verdades inventadas” narradas pelos jovens com experiência de vida na rua. Como uma das estratégias de inserção em campo, busquei me aproximar dos interlocutores em diferentes lugares e situações, tornando-me íntima, apegando-me a eles e às suas histórias, o que certamente desenvolveu um outro desafio para a pesquisadora: o estranhamento com o familiar. A relação entre pesquisador e pesquisado é um “encontro de afinidades”, como designa Gilberto Velho (1999, p. 129), isso demonstra a “necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa”.

Irene Rizzini (2003) destaca, em *Vida nas Ruas: crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis*, que desde a década de 90 do século XX pesquisas de cunho qualitativo apontam que muitas crianças e adolescentes que vivem nas ruas das cidades brasileiras possuem família e que também estão nas ruas em busca de retornos financeiros que possam garantir um dinheiro a mais na renda familiar. Pesquisas realizadas nos primeiros anos do século XXI reafirmam o diagnóstico de que crianças e

¹ As expressões “moradores de rua” e jovens que “vivem nas ruas” são categorias nativas que serão utilizadas nesse trabalho para designar o referido grupo juvenil.

adolescentes que perambulam pelas ruas das cidades brasileiras possuem famílias, mas que vivem algum tipo de conflito familiar ou comunitário que impossibilita o retorno a esses lugares. Segundo dados da pesquisa “O direito à convivência familiar e comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil”, realizada em 2004 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Conselho Nacional dos Direitos de Crianças e Adolescentes (CONANDA), realizada com os abrigos que possuem financiamento do governo federal, 87% do universo pesquisado são crianças e adolescentes que possuem família e 11,3% são pessoas que não possuem nenhum tipo de vínculo familiar. Esse mesmo estudo aponta que a violência doméstica é um dos elementos que impulsiona a saída dos meninos e das meninas de suas casas e comunidades.

É importante contextualizarmos o tempo e o lugar para refletirmos sobre as crianças e jovens moradores de rua². Cada cidade e época apresentam especificidades sobre esse fenômeno social que também estão entrecruzadas com questões mais gerais. Pesquisas mais recentes, além de continuarem destacando a violência doméstica como impulsionadora, passam a destacar questões relacionadas aos conflitos comunitários, geradores de ameaças de morte, e muitas vezes ligadas ao tráfico de drogas, como elementos que causam, dificultam e muitas vezes impossibilitam que crianças e jovens vivam com suas famílias em suas comunidades. Portanto, são situações que os expulsam dessas redes sociais. É comum ouvir dos jovens que muitos não voltam para casa porque são ameaçados de morte em suas comunidades. Portanto, o motivo das saídas não é justificado somente pela violência doméstica, mas por fatores externos à convivência familiar. É importante destacar que parte dessas intimidações está relacionada ao consumo de crack³, que passa a desenhar um novo perfil de crianças, jovens e adultos que vivem nas ruas de diversas cidades brasileiras.

² Ver trabalhos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) sobre o tema realizados por Andréia Borges Leão, “Uma casa de meninos e meninas no Coração de Jesus”, dissertação de mestrado defendida em 1993; Diocleide Lima Ferreira, “O dia é da Rua, a noite do Albergue: condições e contradições de um abrigo de regime aberto para adolescentes em situação de rua na cidade de Fortaleza”, dissertação de mestrado em 2000 e Lídia Valesca Bonfim Pimentel, “Vida nas ruas, corpos em percursos no cotidiano da cidade”, tese de doutorado defendida em 2005.

³ Droga produzida a partir da mistura de pasta de cocaína com bicarbonato de sódio, que é fumada e rapidamente atinge o sistema nervoso central dos indivíduos. Sua comercialização

Não devemos desconsiderar a compreensão de que a rua é um lugar que produz situações de violência. Durante suas travessias por diferentes lugares na cidade, os jovens, em determinados momentos, “saem das ruas” e abrigam-se em casas de familiares e amigos, assim como em instituições de acolhimento institucional (os abrigos). Eles reconhecem que até completarem 18 anos de idade há um leque diverso de opções que facilita a permanência nas ruas e que, após a maioridade, essas possibilidades diminuem. É nesse momento que o tempo de permanência contínua na rua aumenta. Eles saem temporariamente das ruas por diferentes motivos: cansaço, doença, gravidez, medo, ameaças, conflitos, enfim, motivações concatenadas com as situações vivenciadas na rua. Grande parte está relacionada com as práticas ilegais realizadas em decorrência do envolvimento com o tráfico de drogas, dívidas com traficantes, ameaças de policiais ou outros inimigos, roubos e assaltos praticados, comércio do sexo (que pode envolver algum tipo de golpe), entre outros casos ligados a atos criminosos. Diante disso, prefiro tratar os lugares e as pessoas citadas nesse estudo através de representações fictícias, ocultando identidades que possam causar algum tipo de constrangimento aos interlocutores e à pesquisadora.

Uma dimensão importante que mobiliza crianças e jovens a viver nas ruas está relacionada à esfera subjetiva, ao mundo dos desejos, ao campo das escolhas, pois sabemos que nem todos que possuem conflitos familiares e comunitários vivem nas ruas. Os indivíduos são mobilizados por escolhas e desejos que os fazem tomar a atitude de viver nas ruas. A idealização do encontro com a liberdade que a rua proporciona é um discurso fácil de ouvir através das narrativas das crianças e jovens. O sentimento de liberdade é uma força impulsionadora, mas a vida nas ruas demonstra que essa liberdade é regulada, pois existem territórios de conflitos e disputas que fazem com que determinados lugares não sejam de livre acesso a todos. Sabemos que cada lugar, considerando similitudes e diferenças, possui suas características singulares de produção de um fenômeno social. Por ser uma cidade marcada

acontece com a droga em formato de pedra, o que leva muitas pessoas a chamá-la apenas de “pedra”. Possui um alto poder alucinógeno e de dependência química e um preço mais barato do que a cocaína. Em Fortaleza, é a droga mais consumida pelos moradores de rua, delineando percursos mais degradantes e violentos a esses sujeitos sociais.

por graves índices de desigualdade social⁴, não devemos nos restringir à pobreza e à desigualdade como fatores determinantes para que meninos e meninas vivam nas ruas de Fortaleza. Observa-se nos discursos das crianças e jovens que muitos estão vivendo hoje nas ruas porque fizeram essa escolha motivados por sentimentos de liberdade, de prazer, de felicidade, assim como muitos afirmam que foram em busca de diversão, apesar de considerarem os riscos que a vida nas ruas produz. A complexidade de entendimento desse fenômeno se dá quando analisamos dimensões relacionadas às expectativas e aos modos de vida que são produzidos pelos jovens a partir de suas experiências de vida na casa e na rua, além das formas de atração que a rua proporciona.

Em Fortaleza, atualmente, as crianças e os jovens ocupam pontos na cidade de forma transitória, estabelecendo uma não fixação mais permanente, como faziam em outras épocas. Anteriormente, existia uma concentração mais regular em diferentes lugares, como nas praças do centro da cidade, na Avenida Beira-Mar, no entorno dos terminais da Lagoa e da Parangaba e no cruzamentos da Avenida dos Expedicionários com a Avenida Presidente Costa e Silva. Como geralmente estavam em grupo, a presença das crianças e dos jovens nesses lugares se destacava e chamava a atenção dos transeuntes e dos profissionais que realizavam a abordagem de rua. Atualmente, a Avenida Beira-Mar ainda é um lugar onde podemos observar a presença desse grupo de forma mais frequente. Por ser um lugar de circulação permanente de pessoas, pode produzir bons retornos financeiros através de atitudes ilegais ou de pedidos de dinheiro (“os trocados”) e de restos de comidas dos restaurantes e lanchonetes localizados nessa região. Por fazer parte da zona de turismo da cidade, essa avenida possui uma rigorosa vigilância, especialmente por parte dos agentes de segurança (públicos ou privados) que controlam a presença de sujeitos “indesejáveis” e, dessa forma, como designam os jovens, a Avenida Beira-Mar é um “lugar sujeira”.

⁴ De acordo com o documento produzido pela Organização das Nações Unidas (ONU), “O Estado das Cidades do Mundo 2010/2011: unindo o urbano dividido”, Fortaleza está na lista das 20 cidades mais desiguais do mundo, ocupando a 13ª posição. Com cinco cidades integrando a lista – Goiânia (10ª), Belo Horizonte (13ª), Fortaleza (13ª), Brasília (16ª) e Curitiba (17ª) –, a ONU constata que o Brasil é o país com maior distância social na América Latina.

O entorno de Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, localizado na Praia de Iracema, possui as mesmas características citadas anteriormente sobre a Avenida Beira-Mar. O que esse lugar tem de peculiar está relacionado ao consumo do crack. Algumas ruas mais escuras são utilizadas para o consumo da droga, que é comprada em lugares próximos e, em decorrência disso, o lugar está sendo denominado como uma das “cracolândias⁵” da cidade. Tanto na Avenida Beira-Mar como no Dragão do Mar, não podemos dizer que há uma fixação de crianças e jovens de forma mais frequente, como foi explicado anteriormente, pois são lugares de circulação dos grupos de moradores de rua que, em decorrência disso, reafirmam ainda mais sua característica nômade. De todo modo, são dois lugares utilizados para a “viração” e “perambulação”. Nesse sentido, são lugares onde encontramos, em diversos tempos e com mais frequência, a população de rua de Fortaleza, que para o senso comum está ali “incomodando” os frequentadores, está “drogada”, pedindo “trocados” ou “capotada” pelo chão “enfeitando” os cartões postais da cidade.

Através de minhas observações em campo e dos relatos realizados pelos profissionais que realizam a abordagem de rua, percebe-se, atualmente, em Fortaleza, que as crianças e jovens com experiência de moradia de rua intensificaram seu movimento, sua circulação, seu nomadismo pela cidade, não se fixando a um lugar por muito tempo. Portanto, em um passado recente, sabia-se onde encontrar as crianças e jovens, especialmente nos casos da atividade de abordagem de rua realizadas por agentes institucionais. Hoje, seus corpos estão em trânsito, mais inquietos e excitados, buscando saciar “desejos proibidos”, especialmente por causa do consumo e dos efeitos do uso do crack. A maneira como a droga é consumida pelos indivíduos que moram nas ruas em Fortaleza destaca-se por acontecer de forma não muito visível, longe dos olhos dos demais transeuntes, portanto, na maior parte dos casos, de forma escondida. É uma forma de uso discreta, que acontece em lugares escuros, sem muito movimento ou durante à noite. Diferente de outras cidades brasileiras, é raro ver um grupo de moradores de rua em público consumindo a

⁵ Referência a uma região da cidade de São Paulo, localizada no bairro da Luz, que concentra um número expressivo de consumidores da droga. Em decorrência disso, muitas cidades brasileiras denominam determinadas regiões de comércio e consumo do crack de “cracolândias”.

droga quando estão juntos. O que se observa é que, em geral, eles se afastam para fazer o uso do crack.

Lúcio Kowarick (2000, p. 28) sinaliza que os problemas relacionados à pobreza têm se deslocado de responsabilização, pois, segundo o autor, atualmente há um “processo de desresponsabilização do Estado em relação aos direitos de cidadania, dando lugar a ações de cunho humanitário que tendem a equacionar as questões da pobreza em termos de atendimento particularizado e local”. Além disso, o Estado mostra-se ineficiente, inoperante e ineficaz em enfrentar as várias situações de marginalização social e econômica – desde os tempos em que os navios portugueses desembarcavam em terras brasileiras lotados de crianças que perderam os pais na travessia em virtude das formas insalubres das instalações que ocupavam nos navios, assim como dos conflitos desencadeados entre a tripulação e dos confrontos com “piratas”. Dessa forma, passaram a perambular pelas ruas, sozinhas, famintas e sem rumo (RIZZINI, 2007).

Dessa forma, segundo Kowarick (2000), iniciativas marcadas por um espírito assistencial voltadas a resolver problemas emergenciais, desconsiderando a capacidade de proposição de ações focadas na promoção da autonomia individual em enfrentar suas marginalizações sociais e econômicas, se configuram como as formas de resolução e enfrentamento das questões relacionadas à pobreza no Brasil. Assim, segundo o autor, essas vulnerabilidades deixam de ser reconhecidas como processos coletivos de negação de direitos. As questões relacionadas à vida social deixaram de ser propriamente políticas, públicas, nacionais, que dizem respeito aos direitos reguladores de uma sociedade, para serem tratadas como um problema a ser administrado tecnicamente ou como um problema humanitário que interpela a consciência moral de cada um. Para Kowarick (2000), atualmente o discurso da cidadania e dos direitos no cenário público foi substituído pelo discurso da filantropia.

No caso da população moradora de rua, nota-se com facilidade como grande parte das iniciativas de minimização desse problema social é coordenada por organizações da sociedade civil, das quais muitas estão vinculadas a um viés religioso. Em Fortaleza, a abordagem de rua acontece por iniciativas dos órgãos públicos, mas as retaguardas do atendimento, portanto,

os abrigos e as comunidades terapêuticas para usuários de drogas, em sua maioria, são vinculadas a alguma perspectiva e abordagem religiosa, dessa forma, regidas por uma moral que visa a “redenção” tanto por parte dos que atendem como pelos que são atendidos. Existem atividades de distribuição de “sopões”, de remédios, de roupas organizadas por essas instituições como uma forma de abordá-los na rua, oferecendo o que “se pode” e não o que “se deve”, pois essa seria uma responsabilidade dos agentes institucionais dos governos. Posto isso, a circulação da população de rua e sua intervenção na geografia da cidade evidenciam as vulnerabilidades e situações de pobreza que a sociedade brasileira, historicamente, tem dificuldades de enfrentar. A esses grupos, o imaginário social destina diversas formas do que Kowarick (2000) definiu como “naturalização dos acontecimentos” e “neutralização”, determinando modelos de “acomodação social”, ou seja, são fenômenos inevitáveis, “é assim porque assim sempre foi”, além da produção de mecanismos de apartação e evitação por parte da sociedade, que prefere enxergá-los como borrões da paisagem urbana das cidades.

Posto isso, é necessário destacar algumas indagações. Quem são os jovens moradores de rua da cidade de Fortaleza? Quais as motivações que fazem com que eles permaneçam nas ruas? O que produz seus movimentos nômades pela cidade? Como são constituídas as suas redes de afetividade? O que os discursos amorosos desse grupo de jovens revelam sobre suas trajetórias na rua? Como esses discursos são produzidos? Essas são algumas indagações que irão nortear a reflexão proposta nesse texto. Esse grupo situa-se em um cenário de violência e de violações, regido por uma lógica dualista que entrelaça e confunde esferas como o legal e o ilegal, o real e o imaginário, o amor e o ódio, entre tantas dimensões experimentadas quando a rua torna-se uma referência de moradia.

Dessa forma, proponho uma discussão a partir do entendimento de que a rua é um lugar de exposição de performances das culturas juvenis, então, ela também pode ser compreendida como um lugar de encontro de afetos. Os jovens são os produtores dos significados e sentidos que compõem suas trajetórias e experiências de vida, assim como (re)elaboram os usos dos lugares e do papel das instituições sociais, reinventando e recriando diferentes modos de viver. Entendo as juventudes como um conceito no plural, pois as

multiplicidades e diferenças que integram esses grupos devem ser destacadas para evitar classificações homogêneas e estigmatizadoras. Desse modo, compreendo os jovens como indivíduos que estão localizados em mapas culturais e afetivos singulares às suas temporalidades e experiências de vida.

No caso das culturas juvenis em questão nesse estudo, ou seja, jovens com experiência de moradia de rua, categorias como “experiência” e “nomadismo” são conceitos centrais para o entendimento dessa condição juvenil, bem como para a análise da produção de suas formas de sociabilidade, de interação social, de suas narrativas e sentimentos sobre seus modos de viver. Eles são indivíduos que nomadizam, transgridem e inovam não só trajetos, como também modos de agir e sentir, assim como Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1997) percebem o conceito de nomadismo. Esses jovens habitam as ruas de formas diferentes, convertem a estética e a moralidade dos lugares, criam roteiros inimagináveis e, algumas vezes, imperceptíveis para aqueles que olham a cidade superficialmente, desconsiderando as transgressões de uso de uma determinada paisagem. Utilizo, também, o conceito de experiência, entendido a partir de um debate entre Walter Benjamin (1987), Joan Scott (1999) e Jorge Larrosa Bondia (2002), para definir os jovens moradores de rua. Com esse diálogo percebo que, por serem os indivíduos constituídos discursivamente, a experiência é uma partilha, uma revelação, uma transmissão de uma vivência que revela o sentido de sua própria existência. É algo particular, relativo e subjetivo, pois duas pessoas, por mais que tenham compartilhado o mesmo acontecimento, não possuem a mesma experiência.

Posto isso, reconheço como jovens com experiência de moradia de rua os indivíduos que, em um determinado tempo de suas trajetórias de vida, designaram a rua como uma referência de moradia. Desta forma, ficam por algum tempo afastados de suas casas, utilizam os serviços de atendimento institucionais e reinventam a vida privada em espaços públicos, tecendo, assim, novas e diferentes redes de afetividade. De todo modo, considero essencial perceber as redes que entrelaçam o cotidiano desse grupo social, reconhecendo que são relações fluidas e contingentes, e desconsidero um determinismo temporal (com relação ao tempo de permanência nas ruas) e etário (desvinculados de marcos legais) que os amarre a definições inflexíveis

e inexoráveis. A “viração”, conforme define Maria Filomena Gregori (2000), é uma importante expressão dos modos de vida nas ruas para entender a definição desse grupo social. Os jovens, como pontua a autora, manipulam recursos simbólicos e identificatórios para dialogar e se posicionar na rua, implicando a adoção de várias posições conforme interesses estabelecidos, portanto, comportam-se de acordo com situações que os colocam como “vítimas” ou “culpados”, sendo frequentemente percebidos como “mirins⁶”, “trombadinhas”, “avião⁷”, “menor carente”, “excluídos” ou “sobreviventes”.

Percebo como a definição dos sujeitos dessa pesquisa encontra-se numa tensão entre dois mundos: o das instituições de atendimento e o mundo acadêmico. Este primeiro mundo, o institucional, em decorrência das tipologias classificadas para a execução de políticas públicas, utiliza demarcações temporais (relativas ao tempo de permanência nas ruas) e etárias (orientadas pelo ECA, que define a infância e a adolescência a partir da idade). Já o mundo acadêmico considera dimensões relacionadas às experiências subjetivas e às formas de interações sociais, na perspectiva de constituir uma definição ou um conceito. Em virtude de sua singularidade, deparo-me com uma tarefa desafiadora, que pode fragilizar a contemplação desses dois mundos, pois percebo que, de tempos em tempos, novas e peculiares situações atravessam os cotidianos de jovens com experiência de moradia de rua, estabelecendo diferentes dimensões e conexões que devem ser consideradas na sua denominação. De todo modo, existem diferentes trabalhos acadêmicos, realizados em diversas cidades brasileiras, que enunciam a complexidade de elaboração conceitual desses sujeitos. É importante destacar que a maior parte dos estudos foi realizada em um diálogo permanente com as instituições de atendimento ao público morador de rua, portanto, faz com que o pesquisador sinta-se comprometido em contemplar a perspectiva conceitual desses dois lugares.

Hélio Silva e Claudia Milito, no grandioso trabalho etnográfico sobre crianças e jovens moradores de rua do Rio de Janeiro, denominado “Vozes do Meio Fio” (1995), destacam as tensões do mundo institucional com o mundo

⁶ Termo coloquial utilizado no Estado do Ceará para definir as crianças com atitudes criminosas e marginalizadas que transitam pela cidade, sejam eles moradores de rua ou não.

⁷ Revendedor de drogas.

acadêmico. Além disso, os autores, nesse estudo pioneiro, sublinham como é inevitável desconsiderar esses sujeitos fora de um contexto marcado por fracasso e indiferença social. Dessa forma, eles apresentam episódios e fragmentos instantâneos da cidade, e dos meninos que se expandem, e dos adultos que se retraem frente a eles, destacando a seguinte análise:

Os meninos na rua são a regra ao mesmo tempo trágica e monótona. Não são vítimas de si mesmos nem de um fado perverso. Trazem em si as marcas de um fracasso coletivo, um fracasso social, um fracasso político. Não falam de nós mesmos porque nós nos salvamos em nossos apartamentos refrigerados. São múltiplos, coletivamente organizados, não trazem como coletividade marcas psicológicas especiais. São comuns, humanos, mas diferentes. Não delimitam nossa condição. Ameaçam nossa condição, ao exibirem de forma inquestionável uma outra fase da sociedade e a questionam pela sua presença coletiva, qual a verdadeira, qual a excepcional? (SILVA; MILITO, 1995, p. 30).

A literatura também produziu obras substanciais para o entendimento desse grupo de jovens. “Os meninos da Rua Paulo”, de Ferenc Molnar, publicado em 1907, revela como um grupo de meninos de Budapeste, na Hungria – que não viviam nas ruas, mas que têm um lugar na rua de grande estima –, estabelecem sentimentos de solidariedade, afinidade e afetividade não só ao grupo do qual faziam parte, como também, e na mesma intensidade, a um terreno baldio, uma estepe, um *grund*, identificado por eles como “a sua planície, a sua terra, o seu reino; é o infinito, é a liberdade” (MOLNAR, 1952, p. 26). Esse *grund*, palco de atuação das performances grupais, é disputado por duas turmas, sendo, dessa forma, o enredo que permeia toda a obra. Destacam-se os conflitos infanto-juvenis relacionados às amizades, às perdas, às traições, às rivalidades, “da qual todos somos os soldados e os servidores, ora tristes, ora alegres” (p. 07). Na narrativa de Molnar, há analogias com relação aos grupos que vivem nas ruas, no que diz respeito aos sentimentos estimulados nas redes que integram. Há formas de solidariedade e cumplicidade entre os jovens que vivem nas ruas essenciais para a sobrevivência e permanência. Eles criam identificações a grupos e lugares na cidade que os definem. Dessa forma, por mais que haja o movimento e a não fixação permanente, os indivíduos nomeiam-se como: “da Beira-Mar”, “do

Centro”, “da Acal⁸”, “do Dragão”, assim como os meninos da “Rua Paulo” se classificavam.

Jorge Amado (2008, p. 29) narra a vida dos “Capitães da Areia” de Salvador, no Brasil, obra publicada a primeira vez em 1922, situando-os como os “donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas”. O autor destaca o dualismo lírico que circundam a vida nas ruas, embalado por situações reais e imaginárias, seguras e perigosas, clandestinas e visíveis, afetivas e violentas. No capítulo “As luzes do carrossel”, Jorge Amado descreve-os despidos da marginalidade e vestidos pela fantasia da inocência, pois, nesse momento, eles “se sentiram irmãos porque eram todos eles sem carinho e sem conforto e agora tinham o carinho e conforto da música do carrossel” (p. 68). Na Colômbia, “Os moleques de Bogotá”, narrados por Jacques Meunier, publicado em 1978, também destaca o mundo onírico sagaz e inocente desse grupo e sinaliza que ele expõe signos da sociedade contemporânea. Para o autor, eles são os “hippies da infância”, os “pequenos guerrilheiros urbanos” que correm pelas ruas da cidade rindo, fumando, mendigando, roubando, desafiando, e, portanto:

Em tudo e por tudo, os gaminos são contemporâneos de sua sociedade, de seu povo, de sua época. O fato de constituir as almas danadas e a pulsão para a liberdade com relação a isso tudo não os exime da tarefa cotidiana de viver, de estar presentes (MEUNIER, 1978, p. 86).

Os jovens que vivem nas ruas da cidade também contemporizam formas diferentes de construir e viver as relações afetivas. Como assinala Le Breton (2009, p. 111), “O homem está afetivamente presente no mundo”. Para o autor, a afetividade simboliza um clima moral que envolve uma relação do indivíduo com o mundo, ressoando a intimidade com os acontecimentos da vida cotidiana numa trama descontínua, ambivalente, inatingível. Ela representa um repertório cultural no qual relações e valores são ativados pelos sentidos orquestrados pelos indivíduos, assim, “exprime uma série de mímicas e gestos, em comportamentos e em discursos cultural e socialmente marcados, sobre os quais também exercem influência os recursos interpretativos e a sensibilidade

⁸ Loja de materiais de construção localizada no centro da cidade que atualmente acolhi em suas calçadas, especialmente durante a noite, um número expressivo de jovens e adultos que vivem e dormem nas ruas.

individual” (LE BRETON, 2009, p. 114). Portanto, os mapas afetivos constituídos pelos jovens moradores de rua designam trajetos e comportamentos que delineiam os contornos de suas trajetórias de vida e produzem elementos indispensáveis para o entendimento dessa cultura juvenil. Dessa forma, fiz a escolha de construir uma análise sobre as narrativas e trajetórias amorosas que consolidam formas de atração e fixação à rua, fazendo dela um lugar de referência de moradia para esse grupo juvenil, assim como um lugar de encontro de afetos.

Observo que as relações afetivas vividas nas ruas designam modos de fixação a esses espaços públicos. Portanto, sejam essas relações duráveis ou vulneráveis às contingências da vida (e dos afetos), elas produzem alianças que fazem com que os jovens não retornem, quando essa convivência é possível, a viver em suas casas juntos a suas famílias e comunidades durante o momento em que vivem essas relações. Na rua, são criados relacionamentos marcados pela durabilidade ou pela fluidez, portanto, expressam os signos afetivos da contemporaneidade e ressoam os discursos que embaralham e reinventam sentimentos de cumplicidade, união, traição, desapego, erotismo, amor, entre tantos outros, numa polifonia de sentimentos em trânsito. Segundo Eva Illouz (2011), o afeto é o lado da ação “carregado de energia”, que implica cognição, avaliação, motivação e corpo. As experiências afetivas e sexuais vividas pelos jovens moradores de rua designam sentidos que podem ser compreendidos através do conceito de “amor confluyente”, assim como assinala Giddens (1999), portanto, numa negociação que dilui hierarquias entre os parceiros, especialmente quando os casais estabelecem que os programas sexuais, realizados por ambos, são tomados como uma forma de arrecadação e sobrevivência financeira ao invés de serem entendidos como atividades relacionadas à traição e à deslealdade. Logo, nesse campo afetivo, também é possível dialogar com Bauman (2004) quando o autor destaca que, em um mundo que ele identifica como “líquido”, as relações se estabelecem com extraordinária fluidez, se movem e escorrem sem muitos obstáculos e são marcadas pela ausência de peso, em um constante e frenético movimento de reinvenção.

De toda forma, em meio à liquidez e confluência dos relacionamentos afetivos observados nesse campo de pesquisa, há a presença

de discursos sobre o amor romântico que se destacaram como uma possibilidade de viver a entrega e a vinculação de duas vidas em uma só, como designa o imperativo do amor romântico. Em Simmel (2004, p. 80), o amor é uma expressão sentimental marcada por um movimento que leva um sujeito ao outro, desligando-se de tudo na vida, e que permanece dentro do sujeito como sentimento absolutamente individual, pois:

[...] o amor está, antes do mais, absolutamente imbricado no seu objecto, e não apenas associado a ele: objecto do amor em todo seu significado categorial antes do amor, mas tão só por intermédio dele. O que mostra de maneira bem clara que o amor – e, em sentido lato, todo comportamento do amante enquanto tal – é algo absolutamente unitário, que não pode compor-se a partir de elementos preexistentes.

Portanto, o amor, nesse estudo, será compreendido como uma expressão da subjetividade dos indivíduos que designa formas de interações sociais, destacando o amor romântico como a expressão idealizada nas narrativas dos interlocutores dessa pesquisa. Sendo assim, o amor romântico deve ser entendido conforme destaca Sérgio Costa (2005), através de um recorte histórico-cultural. O autor considera cinco dimensões de análise: o campo das emoções, a idealização, o modelo de relação, as práticas culturais e as interações sociais. Para o autor, o “campo das emoções” está relacionado à interface entre corpo e cultura, refletindo, assim, legados culturais, personalidades individuais e os determinantes de um contexto social específico que interferem na construção das experiências amorosas. A “idealização” é compreendida como a forma com que o amor romântico designa sua singularidade e todas as suas dimensões particulares e idiossincráticas aos indivíduos. Os “modelos de relação” são maneiras de analisar como esse sentimento condensa a paixão sexual e a afeição emocional e, também, a unidade matrimonial com a constituição de uma prole. Como “prática cultural”, o amor romântico nomeia um repertório de discursos, ações e rituais mediados por diferenças culturais e, por fim, o autor considera que o entendimento do amor romântico deve considerar as “interações sociais”, propondo um diálogo com Niklas Luhmann (1991), entendendo que esse tipo de interação se destaca por produzir uma “interpenetração interpessoal”, que leva os amantes a formular modelos de significações e interpretações de símbolos

comunicativos que, por serem diferenciados, muitas vezes encontram-se herméticos a quem esteja fora da relação.

Considerações Finais

Posto isso, o amor romântico é uma expressão sentimental idealizada e objetivada nas experiências afetivas e sexuais que são vividas pelos jovens que moram nas ruas. Como já foi dito, ele não é o único modelo de amor reconhecido nessas culturas juvenis, mas ele produz sentimentos de fixação a um determinado contexto social onde se encontra a pessoa amada, portanto, quando esse encontro acontece na rua. Se o conflito é repulsão, o amor é fixação na trajetória de vida dos jovens com experiência de moradia de rua. É através de vinculações afetivas que eles constituem não só os relacionamentos amorosos com outras pessoas, como também as ligações aos grupos que integram nas ruas, os modos de fixação a lugares na cidade que orientam suas identificações geográficas, além de tecerem redes com agentes institucionais que auxiliam em demandas cotidianas da vida nas ruas através dos serviços que são oferecidos pelas instituições públicas ou da sociedade civil. A rua é constituída por uma paisagem de afetos caleidoscópicos que estão em movimento, que se consolidam e se diluem, assim como os corpos dos que nela habitam. Essa rede afetiva é invisível para aqueles que só os enxergam através de suas expressões marginais, mas é reluzente para os olhares mais curiosos e melindrosos que enxergam diferentes práticas culturais nesse cenário público. Portanto, a rua é um lugar de encontro de afetos.

Norbert Elias (1993), ao esboçar uma “sociologia dos afetos”, destaca como as emoções implicam no modo como as relações sociais são estabelecidas pelos indivíduos. Nesse sentido, demonstra que muitos arranjos sociais são também arranjos emotivos, sentimentais e afetivos. E é nessa perspectiva sociológica que eu pretendo tecer um entendimento e uma reflexão sobre os afetos de rua como uma modalidade de interação social entre jovens com experiência de moradia de rua reveladora das formas como são sentidas e elaboradas as culturas afetivas e sexuais desse grupo social, desvendando implicações e desafios enfrentados no seu cotidiano.

Elias (1993) compreende o social, portanto, o conjunto das relações, a partir da imbricação da dimensão econômica com a organização política, que

são indissociáveis do domínio individual dos afetos (autocontrole). Com a passagem do controle social (marca da sociedade feudal) para o autocontrole (com a consolidação dos Estados modernos), uma nova rede de configurações é produzida, exercendo um controle social mais intenso e com um aumento da interdependência das pessoas. As relações entre os indivíduos tornam-se mais complexas e integradas, modificando, dessa forma, os comportamentos sociais, que passam a ser governados pelo controle das emoções, produzindo, portanto, novas necessidades sociais, tais como o autocontrole, a sujeição a ideias de outros e a moderação dos desejos. Segundo o autor, a interdependência entre os indivíduos levou a um “fortalecimento do autocontrole e à permanência das compulsões – a inibição de paixões e controle de pulsões – impostas pela vida no centro dessas redes” (ELIAS, 1993, p. 207). Elias destaca a importância do controle das pulsões e paixões para a vida em sociedade que, concomitantemente, produziu mudanças na psicologia dos mesmos.

Os indivíduos passam a se adaptar a uma sociedade onde o monopólio da força física e o controle da violência estavam garantidos, com isso, a satisfação de alguns desejos poderia ser adiada ou reprimida. Portanto, novas configurações psíquicas serão “criadas” a partir da necessidade daquele momento histórico. A constituição desse “processo civilizador”, como designa Elias (1993), está em curso e configura-se pela imprevisibilidade, dessa forma, é um processo inacabado e que não se exauriu. O autor destaca que existe uma relação entre as mudanças na organização das sociedades e na personalidade dos indivíduos, gerando formas específicas de comportamento em diferentes momentos históricos, portanto:

Nenhuma sociedade pode sobreviver sem canalizar as pulsões e emoções do indivíduo, sem um controle muito específico de seu comportamento. Nenhum controle desse tipo é possível sem que as pessoas anteponham limitações umas às outras, e todas as limitações são convertidas, na pessoa a quem são impostas, em medo de um ou outro tipo. Não devemos nos enganar: as constantes produção e reprodução de medos pela pessoa são inevitáveis e indispensáveis onde quer que seres humanos vivam em sociedade, em todos os casos em que os desejos e atos de certo número de indivíduos se influenciem mutuamente, seja no trabalho, no ócio ou no ato do amor (ELIAS, 1993, p. 270).

Deste modo, esse estudo situa-se no campo de uma sociologia dos afetos que busca mapear subjetividades e, dessa forma, caminha em meio a desordens sentimentais, espaciais e temporais. Por se tratar de narrativas amorosas, sentimentos como amor e ódio, felicidade e alegria, prazer e dor estarão misturados constantemente nessa “narrativa de narrativas”. Por estarem transitando em mundos diferentes: a rua, a casa, as instituições, as definições conceituais desse grupo social podem apresentar uma configuração confusa ou imbricada. Por não ter tido um começo oficial e por ter um fim inacabado, o campo de pesquisa e observação dos afetos de rua construiu-se a partir do movimento que foi apresentado pelo próprio movimento do campo, portanto, pela rua e seu fluxo descontínuo, controverso e cambaleante. Talvez o leitor sinta-se confuso em determinados momentos, mas essa sensação é algo que a própria dinâmica da rua produz, logo, minha intenção é retratar os sentimentos singulares de uma experiência de pesquisa que dá movimento a ela e que se deixa levar pelo seu movimento ao fazer a tessitura de um processo de investigação científica.

Referências Bibliográficas

- AMADO, Jorge. **Capitães de Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In: _____*. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.
- COSTA, Sérgio. **Amores Fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia**. **Novos Estudos**, 73, novembro 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Volume 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- _____. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Rocco, 1999.
- GREGORI, Maria Filomena. **Viração: experiências de meninos de rua**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco**: sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano. *Novos Estudos*, n. 63, julho 2000.
- LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.
- LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- _____. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MOLNAR, Ferenc. **Os meninos da Rua Paulo**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1952.
- RIZZINI, Irene. **Vida nas ruas** - crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis? Rio de Janeiro: ED. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. **O século perdido**: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2007.
- SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione (org.). **Falas de Gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.
- SILVA, Hélio; MILITO, Cláudia. **Vozes do meio fio**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- SIMMEL, Georg. **Filosofia do Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **Fragmentos sobre o amor e outros textos**. Tradução Maria José Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2004.
- VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- _____. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.